

A Plataforma Verter como experimento contraideológico em internet art¹

Marina Bortoluz Polidoro ²

Augusto Neftali Corte de Oliveira ³

A proposta desta comunicação é discutir como as opções técnicas adotadas no desenvolvimento de exposições de *internet art*, além de ter implicações poéticas e conceituais, configuram-se também como escolhas políticas que podem ser ideológicas ou contraideológicas. A experiência da Plataforma Verter é analisada em relação ao objetivo definido. Segue uma apresentação da noção de ideologia e contraideologia proveniente da teoria social e sua tradução, para os fins da presente investigação, na análise da arte. Demonstra-se o risco de que a arte em suportes digitais se torne reprodutora da ideologia.

Entendendo que a tecnologia determina o meio, considera-se que pensar nas especificidades técnicas das páginas da internet - que aceitam incorporar formas diversas como imagens estáticas ou em movimento, sons, ambientes navegáveis, programas executáveis generativos e interativos - é parte do processo criativo da arte desenvolvida com, na, para a web e, às vezes, contra ela. Com Fourmentraux (2011), entende-se que a internet como meio na arte propõe tanto suporte e ferramenta, quanto local de trabalho e espaço expositivo. Nesse meio, a produção e a veiculação da arte estão interligadas. Isso soma-se às demais características técnicas, que poderiam ser vistas como obstáculo, mas que apresentam aos artistas possibilidade de investigação.

A reflexão proposta avança para considerar o contexto da *internet art* em relação à infraestrutura atual, partindo da experiência prática desenvolvida com a Plataforma Verter

¹ Trabalho apresentado no Arte, ciência e tecnologia: mídias emergentes e fluxos de informação do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutora, Professora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, marina.polidoro@ufrgs.br.

³ Doutor, Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica - RS, augusto.oliveira@pucrs.br.



(<https://www.ufrgs.br/verter>). A Verter é um espaço de publicação de exposições coletivas on-line, criado em 2019 por um grupo de artistas-pesquisadoras, professoras e estudantes, vinculadas ao Laboratório de Imagem e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde o princípio e em todas as ações realizadas até o momento, o trabalho é realizado de forma colaborativa, em equipes dinâmicas (que são reconfiguradas a cada projeto) compostas por professoras e estudantes de diferentes níveis de formação (da graduação ao doutorado) com convites para artistas e pesquisadores independentes e de outras universidades.

Na criação da plataforma, a opção foi escrever as páginas HTML, evitando o uso de plataformas de publicação e gerenciamento de sites (CMS) ou formatações (templates, plataformas sociais e outros artifícios típicos das web 2.0) das grandes empresas de tecnologia. Explorar as possibilidades da internet com autonomia criativa foi a motivação inicial, necessária para que fosse possível garantir o controle sobre o design (projeto) e realizar propostas artísticas que fugissem dos padrões pré-definidos, explorando as características próprias do meio digital e ainda propor relações entre elas.

Com o avanço do capitalismo de vigilância (Zuboff, 2020), quando a coleta de dados converte-se em valor para mercados de predição de comportamentos futuros, vale ressaltar que também não há nenhum rastreador de acessos na Plataforma Verter. A decisão de não rastrear acessos foi tomada mesmo em face do interesse em quantificar o fluxo, saber a localização geográfica dos visitantes ou mesmo identificar os tipos de dispositivos. Primeiramente, por uma preocupação com a privacidade dos indivíduos, a equipe optou por não coletar dados dos visitantes. Ainda, evita-se o risco de que os dados de acesso influenciem as decisões sobre quais trabalhos são mostrados. As curadorias são fruto de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Lit e da criação e fortalecimento de redes de colaboração. Como pesquisadoras em arte, o foco está no processo de criação e não no sistema das artes, de forma que nenhum artista será desencorajado caso queira experimentar com algum formato específico por motivo de quantidade de visitantes, cliques ou tempo de permanência na página.



Nessa direção, as pesquisas em arte na internet tratam de explorar as suas possibilidades e especificidades como meio e não interessou ao grupo experimentar formatos que propusessem simulações e versões virtuais imersivas do cubo branco - ou mesmo extrapolações da ideia de galeria. Trabalham com o funcionamento dos computadores, dos navegadores e da rede, os subvertendo, ou inventando modos de usar, criando táticas de inserção, deixando aparente a mecânica das páginas e usando-as como motivo ou parte essencial do trabalho artístico, que acontece justamente quando on-line. Isso aproxima-se da ocupação inicial da web, que a artista Olia Lialina (2007) chama de Web Vernacular: aquela rede que era povoada de páginas amadoras, incompletas e experimentais, muitas delas em permanente “construção”. Direção oposta à que caminha a indústria que, por exemplo, atualiza navegadores que agora escondem do usuário final o endereço completo dos *sites*, a padronização dos formatos das postagens e outros limitadores das redes sociais como a ausência de *links* e a consequente linearização das informações.

A padronização dos formatos é consequência do desenvolvimento e aprimoramento das interfaces e foi imprescindível para que a internet se tornasse acessível ao público em geral. Porém, esse movimento acabou escondendo dos usuários o que acontece em termos de processamento tanto no computador, quanto na rede. Assim, a Web 2.0 prometia uma internet mais participativa e mais coletiva, já que para participar não seria mais necessário “saber programar” ou mesmo compreender os funcionamentos técnicos dos dispositivos envolvidos no acesso e conexão. Paris Marx (2025, p. 82-83) expõe a contradição dessa expectativa:

Apesar de afirmações libertárias segundo as quais a internet era caracterizada por um projeto inerentemente descentralizado que garantia qualidades muito positivas - como abertura e democracia - os serviços digitais ficavam armazenados em servidores centralizados e a rede era cada vez mais restringida por grandes agentes corporativos, incluindo muitos dos monopólios de tecnologia que conhecemos hoje. Esses monopólios buscavam não apenas transferir a atividade on-line que acontecia nos sites distribuídos da rede inicial para os serviços e plataformas centralizados, mas também registravam nossas ações enquanto os usávamos e navegávamos em sites externos. Em certo sentido, a rede ficou ainda mais parecida com um shopping center.

Ainda que a noção de hipertexto seja anterior à internet, torna-se uma das características marcantes da sua arquitetura. Com o seu aprimoramento, as redes sociais eliminam o *link*, porque na lógica da economia da atenção, as plataformas precisam garantir que cada usuário fique ali o maior tempo possível. A padronização dos formatos, tempo de duração, etc., impede que características do digital e da rede sejam exploradas, que são justamente o interesse artístico e de pesquisa com a Plataforma Verter. Esta comunicação argumenta que, além disso, diante do contexto atual, essas são escolhas que implicam em um posicionamento político.

Isso insere-se no reconhecimento da capacidade da arte de recuperar e discutir a realidade coletiva e impactar sobre o espaço público, mas também a sua dimensão política (sendo uma de tantas possibilidades de abordagem das obras de arte). Nesta pesquisa a noção de ideologia e contraideologia provém da teoria social e sua tradução, para os fins da presente investigação, na análise da arte. A arte pode "conter ou circunscrever tanto uma relação no sentido crítico e transformador quanto no sentido de manutenção e aprimoramento da ordem" (Chaia, 2007, p. 33). Althusser (1971, p. 222-223) afirma que a arte possui uma relação contraditória à ideologia, pois, ainda que banhada na ideologia onde está inserida e de onde emerge, pode aludir à realidade e fazer-nos perceber a própria ideologia. Por ter necessariamente uma relação com a ideologia, dada a natureza intersubjetiva pela qual compreendemos o mundo e os objetos do mundo (inclusive os objetos de arte), não é concebível da arte uma posição não ideológica. Ao que Althusser compreende como um "fazer sentir" a presença da ideologia, na medida em que está nela imersa, mas dela afasta-se, podemos nomear de forma mais direta como contraideologia. Se a ideologia no sentido marxista define os conceitos e formas que correspondem à justificação das relações de dominação e às preservam da observação crítica e transformadora, a contraideologia é a abertura pela qual percebe-se a ideologia.

A investigação emprega a perspectiva teórica da contraideologia para analisar a produção de arte digital, em especial na internet. Argumenta-se que os suportes digitais são especialmente sujeitos à reprodução ideológica, pela relação com as tecnologias: quando estas parecem inevitáveis e objetivas, seus usos tornam-se automatizados e tendem a não ser mais percebidas. Assim, os



sujeitos engajam-se em sistemas pré-programados, sem ter conhecimento do seu funcionamento e sem realizar como estão trabalhando para o sistema (Flusser, 2002). Isto é, reforçam a adesão acrítica ao que é apresentado como estabelecido.

Os rumos que as tecnologias têm apresentado parecem inevitáveis, incontornáveis e impossíveis de serem resistidos porque vem de um lugar com muito poder. Diante disso colocam-se questões como: “É possível fazer uma crítica emancipatória da tecnologia?” (Morozov, 2018, p. 26), já que “a questão central não é mais como dar acesso à interatividade ou à tecnologia em si, mas como potencializar o uso crítico da tecnologia” (Beiguelman, 2021, p. 94). Defende-se que o potencial poético da contraideologia em trabalhos artísticos exige um olhar crítico sobre as condições e práticas da apropriação das tecnologias e meios digitais pela arte, com domínio sobre a técnica e o processo de construção do objeto. As opções adotadas na criação da Plataforma Verter expressam essas preocupações e se pretendem como uma experiência poética contraideológica de internet art.

Palavras-chave

Internet art; contraideologia; poéticas visuais.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Lenin and philosophy and other essays**. New York; London: Monthly Review Press, 1971.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu, 2021.

CHAIA, M. **Arte e Política**. Azougue Editorial: Rio de Janeiro, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

FOURMENTRAUX, Jean-Paul. Net art. In: **Communications**, nº 88, 2011/1, p. 113 - 120.

LIALINA, Olia. **Vernacular web 2**, 2007. Disponível em: <http://contemporary-home-computing.org/vernacular-web-2/> Acesso em 15 out. 2025.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



MARX, Paris. **Estrada para lugar nenhum.** São Paulo: Ubu, 2025.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

QUARANTA, Domenico. **In Your Computer.** Brescia: Link Editions, 2010.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância:** a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Intrínseca, 2020.